A ARTE DE BRINCAR NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA ALUNO PÚBLICO DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

DENISE QUIRINO DA SILVA

RESUMO
O conteúdo deste artigo foi desenvolvido com a preocupação em discutir sobre a inclusão e os trabalhos pedagógicos voltados para a arte de brincar para crianças com deficiências. De certa forma as crianças necessitam compreender significados e códigos desde o inicio de suas vidas, isto inclusive com relação às várias formas de artes, principalmente ao ingressarem na escola. Seus interesses abrangem as estruturas visuais, com intenção de comunicar-se com o mundo e pessoas. Os alunos com deficiência podem interpretar amplamente um trabalho artístico, pelas cores, formas e estruturas visuais, bem como possuem grande capacidade criativa., desenvolver-se através de oficinas de arte que envolvem o brincar. Assim, considerando que através da arte de brincar o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, fatores cognitivos e da compreensão da criança sobre a cultura, torna-se um processo importante para a formação de sua cidadania.

Palavras-chave: Inclusão. Arte de Brincar. Pesquisa.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de referencial teórico dos principais autores e estudiosos sobre a arte de brincar com crianças com deficiência. No âmbito escolar, a educação inclusiva tornou-se ao longo dos anos mais presente nas escolas, publicas e particulares. A disciplina de Arte representa uma área de grande significação para o docente trabalhar com o aluno portador de deficiência. Conhecimento e envolvimento com uma área antes não vista com olhar especulativo: a arte de brincar através de oficinas de arte. O ensino na disciplina de Arte com temas desenvolvidos em sala de aula auxilia no processo ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, proporcionando meios para se expressarem com o mundo que os rodeia de forma dinâmica e lúdica. A música, o teatro, artes visuais e a dança são exemplos de atividades em que o docente pode utilizar como meios pedagógicos a fim de auxiliar os alunos em seu desenvolvimento. As diferenças servem, pois, como desafio à criação de dinâmicas diversificadas entre si. O brincar também tem suas etapas de desenvolvimento. A criança começa a brincar sozinha, manipulando objetos. Posteriormente, procurará companheiros para as brincadeiras paralelas (cada um com seu brinquedo). A partir daí, desenvolverá o conceito de grupo e descobrirá os prazeres e frustrações de brincar com os outros, crescendo emocionalmente. Brincar em grupo evita que a criança se desestimule, mesmo quando ainda não sabe brincar junto. Ela aprende a esperar sua vez e a interagir de forma mais organizada, respeitando regras e cumprindo normas. Com os grupos ela aprende que, se não encontrarmos uma forma eficiente de cooperar uns com os outros, seremos todos prejudicados. A vitória depende de todos. Aprende-se a ganhar e a perder.

REFERENCIAL TEÓRICO

A atividade lúdica produz entusiasmo. A criança fica alegre, vence obstáculos, desafia seus limites, despende energia, desenvolve a coordenação motora e o raciocínio lógico, adquirindo mais confiança em si e aprimorando seus conhecimentos. Quando nos referimos à disciplina de arte para crianças com deficiência, também nos referimos á “inclusão” Também para Vygotsky (1997) a deficiência é um fenômeno social, pois só a partir desse estigma é que o outro se sente desqualificado. O autor situa como exemplo os cegos, que não se percebem como diferentes senão pelo modo como a sociedade os vê. Podemos afirmar que os modos de ensinar arte para crianças com deficiência se diferenciam em alguns momentos. Para que tenham acesso ao conhecimento, necessitam de um suporte pedagógico e material eventualmente dispensável para os demais estudantes. No processo que vimos estudando, a mediação do professor de arte pôde ampliar as interações na construção

do grupo e na desconstrução do conceito de deficiência como algo que desqualifica o outro. Considera-se como elemento de destaque o caráter colaborativo, ou seja, a troca entre o grupo e a participação de diferentes pontos de vista sobre a arte, sua produção e o contexto em que se situa. Ao encontro das abordagens mais atuais de ensino de arte, podemos destacar a seleção de conteúdos que apontam para a diversidade da arte, a ênfase nos temas da contemporaneidade, das temáticas como propulsoras de um currículo interligado que amplie os saberes das artes e da compreensão da realidade em que os estudantes estão inseridos. O estudo de Barbosa (1975) discutiu a necessidade do professor de Arte ter sólidos conhecimentos teóricos acerca das teorias da Arte-Educação, no sentido de desenvolver idéias a partir de prioridades relacionadas aos objetivos e métodos. Ainda, na opinião da autora citada, o ensino da Arte não possibilita que todas as crianças venham a ser produtoras, mas a maioria pode se tornar observadora efetiva, pois o objeto de Arte age sobre quem a observa, possibilitando que os indivíduos coloquem sentimentos e idéias em ordem. Esse processo de interpretação mobiliza o potencial criativo da mesma maneira que o processo de produzi-las.

METODOLOGIA E MATERIAL

O desenvolvimento do trabalho baseou-se na pesquisa descritivas e explicativas, limitando-se a pesquisas bibliográficas. O método pesquisas bibliográficas é a análise do conteúdo estudado, pois possibilita ao pesquisador utilizar-se de vários procedimentos para alcançar o significado das respostas e das implicações que podem estar no discurso do (s) sujeito (s) que fazem parte do objeto de estudo. O processamento de pesquisas bibliográficas obtidas foi interpretado através de analise de textos de vários autores sobre a disciplina de arte de brincar para crianças com deficiência, baseando-se em atividades lúdicas e artísticas. Na inclusão responsável, o desafio é enfrentado como uma nova forma de repensar e reestruturar políticas e estratégias educativas, de maneira a não apenas criar oportunidades efetivas de acesso para crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais, mas, sobretudo, garantir condições indispensáveis para que possam manter-se na escola e aprender.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação inclusiva trata-se de reconhecer a diversidade da pessoa humana, e atender as necessidades educacionais de todos os sujeitos-alunos em salas de aula comum no sistema regular de ensino. A educação inclusiva abrange alunos com deficiência visual, auditiva, mental, física, surdos e cegos, com transtornos globais do desenvolvimento e a alunos com altas habilidades/ superdotação, desde a educação infantil até à educação superior, que através deste nosso artigo, daremos ênfase aos alunos da Educação Infantil às Séries Iniciais.n Segundo Vygotsky a participação inclusiva dos alunos facilita o aprendizado para todos. Respeitar as diferenças e trabalhar no coletivo com técnicas de arte para crianças com deficiência, torna-se importante para o desenvolvimento educacional dos alunos.

CONHECENDO A LEGISLAÇÃO

Do ponto de vista da legalidade, desde 1948, a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pode-se afirmar que a educação de especiais passou a ser sinalizada, passando a pessoa com necessidades especiais a se tornar portadora de direitos e, sobretudo do direito à igualdade. Vários outros documentos foram sendo construídos através de lutas sociais, sobretudo pelo direito à diversidade e à igualdade de condições para todos. A Constituição Federal Brasileira (1988). Prevê o pleno desenvolvimento dos cidadãos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; garante o direito à escola para todos; e coloca como princípio para a Educação o "acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um". A Lei nº 7.853/89 (1989) define como crime recusar, suspender, adiar, cancelar ou extinguir a matrícula de um estudante por causa de sua deficiência, em qualquer curso ou nível de ensino, seja ele público ou privado. A pena para o infrator pode variar

de um a quatro anos de prisão, mais multa. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – 1990) garante o direito à igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, sendo o Ensino Fundamental obrigatório e gratuito (também aos que não tiveram acesso na idade própria); o respeito dos educadores; e atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular. A Declaração de Salamanca (1994) em seu texto, que não tem efeito de lei, dizem que também devem receber atendimento especializado crianças excluídas da escola por motivos como trabalho infantil e abuso sexual. As que têm deficiências graves devem ser atendidas no mesmo ambiente de ensino que todas as demais. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 1996) em sua redação do parágrafo 2o do artigo 59 provocou confusão, dando a entender que, dependendo da deficiência, a criança só podia ser atendida em escola especial. Na verdade, o texto diz que o atendimento especializado pode ocorrer em classes ou em escolas especiais, quando não for possível oferecê-lo na escola comum.

A primeira garante atendimento prioritário de pessoas com deficiência nos locais públicos. A segunda estabelece normas sobre acessibilidade física e define como barreira obstáculos nas vias e no interior dos edifícios, nos meios de transporte e tudo o que dificulte a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios de comunicação, sejam ou não de massa. O Decreto Nº3.956 (CONVENÇÃO DA GUATEMALA - 2001) põe fim às interpretações confusas da LDB, deixando clara a impossibilidade de tratamento desigual com base na deficiência.

Para dizer que existe o ensino de arte dentro da escola é preciso antes saber o que significa arte e o que ensinar não se ensina arte sem ter experiência e sensibilidade artística, um depende do outro, o conceito e a realização. A arte está associada ao brincar, através de atividades lúdicas como oficinas de dança, faz-de-conta, música, teatro, brincadeiras em grupo. O conceito de arte deve ser ampliado e sua atuação preocupada com questões que envolvem a expressão pessoal de valores, sentimentos, relações, cognição e significações, visto que envolvem subjetividade. A melhor maneira de se trabalhar com as diversas deficiências é estar sempre considerando a sua idade cronológica, valorizar a sua produção e sua criatividade. Durante as aulas, usar as experiências corporais e musicais explorando as e introduzindo novos conceitos dentro das atividades.

Ainda ao falarmos de Educação Inclusiva queremos dizer de uma Educação que, sobretudo vise desenvolver o ser humano em sua plenitude, baseando-se no respeito à diferença, e à diversidade, onde a pessoa com necessidades especiais possa desfrutar do direito de ser tratado com igualdade respeitando sua limitação e, sobretudo baseado na capacidade ilimitada que possui todo ser humano de desenvolver-se. Segundo a autora Kern (2004): "[...] inclusão/exclusão é um processo indissociável, para ela não existe uma separação dicotômica entre ambos [...]".

[...]O que existe é um processo no qual há um campo de tensões, em que se busca uma inclusão, mas ela se dá dialogicamente, num processo que implica em rupturas, crises e incertezas. Principalmente, dá-se num processo em construção, em que não há uma certeza predeterminada de qual será o produto final e onde múltiplos fatores estão envolvidos[...] (KERN, 2004, p.219 220).

Cabe mencionar como base científica para o surgimento da educação especial em tal período inicial, Itard (França, 1800), o precursor da Educação Especial.

A CRIANÇA E O BRINCAR

Desde o nascimento o ser humano vai passando por fases na busca de construção do conhecimento. A conquista do ser humano do símbolo passa por diferentes fases, tendo origem nos processos mais primitivos da infância. Como já dito anteriormente, a criança aprende pelo corpo, é através dele que se relaciona com o meio circundante. O brincar proporciona ao sujeito liberar o medo do novo, do desconhecido. A criança brinca com o desconhecido para torná-lo conhecido, brinca com o medo para que possa dominá-lo. Brincar é uma ação que ocorre

no campo da imaginação, assim, ao brincar estar-se-á fazendo uso de uma linguagem simbólica, o que se faz retirando da realidade coisas para serem significadas em outro espaço.

Quando a criança com uma peça de sucata e imagina que é um caminhão está estabelecendo uma relação de imaginação e criação: está recriando a realidade. É na exploração do mundo, do meio ambiente, na manipulação dos objetos, nas trocas com seus pares etc. que a criança vai aprendendo, vai buscando fora si o conhecimento, para mais tarde poder internalizá-lo. Brincar é o verbo da criança. Brincar é a maneira como ela conhece, experimenta, aprende, apreende, vivencia, expõe emoções, coloca conflitos, elabora-os ou não, interage consigo e com o mundo. O corpo é um brinquedo para a criança. Através dele, ela descobre sons, descobre que pode rolar, virar cambalhota, saltar, manusear, apertar, que pode se comunicar.

O mesmo brinquedo pode servir de fonte diferente de exploração e conhecimento. Uma bola para uma criança de dois anos pode ser fonte de interesse com relação a tamanho, cor e para uma criança de seis anos o interesse pode ser mais relacional: jogar e receber a bola do outro, fazer gol. É importante que a criança possa brincar sozinha e em grupo, preferencialmente com crianças de idade próximas. Desse modo ela tem possibilidade, também, de ampliar sua consciência de si mesma, pois pode saber como ela é num grupo que é mais receptivo, num outro que é mais agressivo, num que ela é líder, num outro em que é liderada, etc. Lidando com as diferenças, ela amplia seu campo de vivências. Alguns cuidados devem ser tomados com esta relação da criança com o brinquedo. São eles: brincar deve ser divertido, prazeroso e não tarefa e o brinquedo devem estar de acordo com o interesse da criança.

A CRIANÇA E ATIVIDADES ARTÍSTICAS NA BRINCADEIRA

Durante o segundo trimestre do primeiro ano, certas mudanças no desenvolovimento intelectual e emocional do bebê tornam-se acentuadas. A sua relação com o mundo externo, tanto pessoas como coisas, ganha maior diferenciação. Cada ser humano é uma criação única. Possuímos uma série de talentos, capacidades e maneiras de aprender. Cada um de nós apóia-se em diferentes sentidos para captar e organizar as informações, para aproximar-nos dos objetos de conhecimento, onde chamamos de Estilos de Aprendizagem. Enquanto são menores e estão descobrindo seu lugar no espaço, as crianças são incentivadas a explorar o mundo que as cerca. A partir do momento em que entram nos anos iniciais do ensino fundamental, as regras são responsáveis por limitar o que até então era por elas compreendido. A distribuição do espaço, o comportamento igualitário dos colegas, as preocupações com as atividades agora oferecidas. Lowenfeld e Brittain (1970), na obra Desenvolvimento da Capacidade Criadora, afirmam o papel relevante da escola na formação da criança, em relação aos avanços tecnológicos e a diversas outras áreas do conhecimento humano. Desenhar, pintar ou construir constituem um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo. No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura; proporciona parte de si própria: como pensa, como sente e como vê. Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora. (p. 13)

A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA E A ARTE

A arte inclusiva é uma realidade, mas, de tão jovem que é, carece de metodologias para a formação destes novos artistas. Pensar em uma produção artística e cultural realizada por indivíduos com deficiência pressupõe considerar a indagação de Santos:

“Seria possível e permitido imaginar a existência de uma relação da deficiência com a produção estética?” (FUNARTE, 2003: 9).

A arte é um lugar que favorece a tomada de consciência. A estética artística pode ser o reflexo da ética política e social, em concordância com Paes Loureiro. Conforme a ABNT NBR 9050 (2004), deficiência é o termo utilizado para “redução, limitação ou inexistên-

cia das condições de percepção das características do ambiente ou de mobilidade e de utilização de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos, em caráter temporário ou permanente". No entanto com o despertar a criatividade não é só uma forma de terapia no tratamento de crianças com deficiência. Trabalhos desenvolvidos em instituições mostram que investir nessa criatividade pode despertar grandes artistas. Na música, a criança também mostra a sua arte, derruba limites e preconceitos. "Como qualquer pessoa, a criança com deficiência precisa do reconhecimento do seu trabalho." Quando cria, ela deixa sua marca. "É uma forma de garantir espaço na sociedade", afirma a terapeuta ocupacional Anna Anita Tarasiewicz, que há 33 anos trabalha com deficientes. As instituições de crianças especiais oferecem atividades variadas, mas nem todas trabalham além da reabilitação.

O DOCENTE E A INCLUSÃO

Nos dias de hoje, o professor que atua nas séries iniciais deve estar preparado para atuar com alunos com deficiência, neste caso, com a inclusão em sala de aula. Com a formação dos docentes, estes devem ter em mente que seu preparo profissional envolve pesquisas sobre a nova realidade da educação brasileira. Alguns pontos devem ser considerados pelo professor: o primeiro passo é conscientizar-se da importância de seu trabalho na sala de aula, que ele pode ser um bom professor e que suas atitudes tem que ser equilibradas; a vida proporciona desafios com oportunidades de torná-lo um ser humano muito melhor; deve procurar ler muito e se informar sobre as crianças especiais e junto com os pais construir um elo e confiança, com ajuda recíproca, para o desenvolvimento do trabalho pedagógico; conhecer as características do aluno que irá trabalhar: seu histórico de desenvolvimento e deficiência. O professor precisa conhecer seus alunos, partir de suas preferências, do que já sabem e ampliar o seu repertório. O papel do professor é mediar os conhecimentos, apresentar novos saberes aos que a criança já possui. Tudo o que ela adquire, seja por intermédio do professor ou do seu meio (família, colegas, sociedade), ajuda no desenvolvimento de suas expressões e percepções. O professor como principal mediador dos conhecimentos, precisa apresentar à criança situações que lhe possibilitem ampliar e enriquecer suas experiências, de modo prazeroso e lúdico. O professor de Arte precisa estar atento ao trabalho que está desenvolvendo com seus alunos, analisar se está ajudando a desenvolver mais sua percepção, buscando assim a construção de sua poética pessoal, pois:

[...] valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, "falas", sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam idéias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensino de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário [...]. (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 118)

Considerando a Declaração de Salamanca (1994) como o documento básico que introduziu no Brasil a necessidade de reformular as práticas escolares no contexto inclusivo, pode-se dizer que nos últimos dezesseis anos pouco se fez em termos de inclusão de qualidade. Ao mesmo tempo, olhando para a trajetória do ensino de arte, é preciso reconhecer que a ação conjunta dos educadores e de suas associações e o papel das instituições universitárias de sustentar o movimento organizacional e intelectual produziram grandes mudanças no cenário, principalmente tomando-se a década de 1980 como parâmetros. De fato, mudanças efetivas se construíram nesse cenário. Para Vygotsky (1997) a deficiência é um fenômeno social, pois só a partir desse estigma é que o outro se sente desqualificado. O autor situa como exemplo os cegos, que não se percebem como diferentes senão pelo modo como a sociedade os vê. Muitos docentes alegam não ter preparo para lidar com tais alunos – o que é um modo de excluir a criança antes mesmo de conhecer suas habilidades. É importante ressaltar que a deficiência afeta o desenvolvimento de uma pessoa, mas não impede que ela se desenvolva. O ensino da arte em qualquer nível deveria abranger tanto a construção da linguagem visual quanto

contribuir para que as crianças realizem leituras cognoscentes, conscientes e sensíveis de outras tantas imagens que estão aí sendo consumidas passivamente. Na educação devem-se propor rupturas com o instituído, com aquilo que é oferecido pelas imagens veiculadas pelos meios midiáticos como representações verdadeiras e únicas sobre o mundo. O ensino de arte poderia ser uma das vias de questionar o que está estabelecido, aguçando os sentidos, aglutinando expressão/vida, a fim de produzir propostas no campo da visualidade que possibilitem indagações sobre a própria vida. Uma das funções do ensino da arte seria o de anexá-la a outras formas de atividades sociais, incorporá-la na textura de um padrão de vida específico e não isolá-la como um fenômeno mágico e inexplicável. A intervenção pedagógica do professor para a construção individual do conhecimento é necessária. É por meio dessa ajuda que o professor acompanha o aluno para construir significados e dar sentido ao que aprende. O professor tem um lugar importante na construção da aprendizagem. As atividades eu ele realiza ajudarão na maturação do sistema nervoso central e na estruturação psíquica e cognitiva par que funcionem de acordo com as exigências do meio. Através de atividades artísticas o professor auxiliar no desenvolvimento da criatividade do aluno com deficiências especiais. Investigando a percepção de professores, os serviços de apoio a alunos com deficiências, o avanço relativo das políticas públicas e de práticas consideradas inclusivistas, os autores do livro "Educação Inclusiva em perspectiva: reflexões para a formação de professores" buscam contribuir para fortalecer a reflexão acerca dos principais problemas enfrentados no âmbito da inclusão de alunos com deficiências nas redes regulares de ensino. No que diz respeito à formação de professores, sejam eles oriundos de cursos de Pedagogia ou de Licenciaturas, modalidade presencial ou à distância, a contribuição apresentada pelos autores enriquece-se mais ainda quando se insere a temática da arte-educação, escassamente estudada e divulgada em pesquisas voltadas para a inclusão.

Considerando o quanto habilidades artísticas teriam a contribuir para a formação de professores e o enfrentamento da diversidade nas salas de aula, a temática explorada nos capítulos a ela dedicada são de relevância e interesse. Também um ambiente adequado, o domínio por parte do professor do que está sendo ensinado e o conhecimento sobre o desenvolvimento expressivo da criança, seu entusiasmo e, acima de tudo, conhecer cada aluno e trabalhar com a sua realidade, sempre de forma contextualizada, proporcionarão aulas de Arte significativas. Podemos concluir dizendo que para a arte ter o mesmo valor das outras disciplinas e ser considerada importante para o desenvolvimento da criança, será necessária uma conscientização e tomada de atitude por parte do professor e de toda a escola. Não uma atitude conformista ou lamentadora, que olha para os acontecimentos com pesar, buscando culpados e prosseguindo com os mesmos objetivos e atitudes já instaurados, mas um agir, que busque uma verdadeira mudança, em que todos assumam a postura de educadores. Consonante, desenvolver potencialidades em alunos com necessidades especiais requer, além de esforço e talento por parte do educador, compromisso político e ético, para bem educar é preciso compreender as necessidades específicas de cada aluno, e quando se trata de alunos especiais, é necessário que o educador se supere, buscando meios e mecanismos que atenda o perfil de cada necessidade.

A ESCOLA E A INCLUSÃO

Os especialistas em inclusão afirmam que a escola, organizada como está, produz a exclusão. Os conteúdos curriculares são tantos que tornam alunos, professores e pais reféns de um programa que pouco abre espaço para o talento das crianças. Assim, quem não acompanha o conteúdo está fadado à exclusão e ao fracasso. Isso ocorre não só com crianças com deficiência. A inclusão não atende apenas as crianças com deficiência, mas também as excluídas ou discriminadas. A discriminação não ocorre apenas entre os estudantes. Muitas vezes as avaliações servem mais para ver quem se encaixa nos padrões de aluno ideal do que para medir o progresso de cada um, dentro de suas

possibilidades, gerando sofrimento entre as crianças. Muitas pessoas ainda entendem a Educação Especial como uma modalidade que substitui a escolarização, voltada exclusivamente para crianças com necessidades especiais. Isso significa que uma criança com síndrome de Down, por exemplo, passaria a infância e a adolescência em uma escola especializada, convivendo apenas com colegas que têm deficiência e recebendo conteúdos escolares adaptados e terapias. Aos poucos, essa confusão está se esclarecendo. Hoje, a Educação Especial é entendida como a modalidade de ensino que tem como objetivo quebrar as barreiras que impedem a criança de exercer a sua cidadania. Quando se fala em benefícios que a inclusão traz, o primeiro pensamento que surge é o de que as pessoas com deficiência têm mais chances de se desenvolver. Trabalhar a diversidade — uma característica de todos, e não só da criança com deficiência — ao planejar as atividades.

Considerando as várias formas de se trabalhar com arte com crianças portadoras deficiência, podemos elencar a utilização de fantoches; músicas, oficinas de dança, teatro, arte plástica, arte com sucata, brincadeiras de faz-de-conta, etc.

Os fantoches favorecem a interação e a estruturação da linguagem através de uma atividade estimulante. A expressão através do uso de fantoches facilita o contato visual e a construção de ciclos de conversação, expandindo e transformando a comunicação. São estimuladores da imaginação e da linguagem. O fantoche não costuma ser tão interessante por si só. Ele geralmente precisa do outro para animá-lo e torná-lo mais divertido. O fantoche possibilita que o outro se torne parte do interesse do autista. O docente poderá desenvolver projetos com os alunos na elaboração dos fantoches com materiais reciclados, auxiliando na criatividade do aluno, neste sentido a criança poderá expor suas idéias e ser valorizado na atividade.

A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, a criatividade, a linguagem, a memória e a socialização, dentre outras habilidades. Despertar a criatividade não é só uma forma de terapia no tratamento de crianças com deficiência, mas podem despertar grandes artistas. Na música, a criança também mostra a sua arte, derruba limites e preconceitos. A expressão musical desempenha importante papel na vida recreativa de toda criança, ao mesmo tempo em que desenvolve sua criatividade, promove a autodisciplina, a concentração e desperta para a aprendizagem. É uma ponte de comunicação possível de interação para o autista, capaz de ampliar o contato visual e o desenvolvimento afetivo, ajudando na socialização e diminuindo as estereotipias. A música amplia as possibilidades de comunicação, melhora a compreensão da linguagem (seja ela verbal ou não) e ajuda na construção do processo de leitura e de escrita.

Outra atividade que o docente pode desenvolver em sala de aula com crianças especiais. Além da sociabilizarão, esse tipo de arte ajuda a desenvolver elegância e disciplina. Coordenação motora, expressão corporal, socialização, condicionamento são objetivos alcançados neste tipo de atividade artística.

Segundo reportagem da Revista Escola, sobre arte com crianças deficientes, menciona que o número de surdos matriculados em escolas regulares venha aumentando (só nos últimos dois anos, o crescimento foi de 21%, segundo o Censo Escolar), os próprios especialistas têm dificuldades em indicar boas experiências de ensino de Arte que incluam esse público específico. Há professores desenvolvendo bons trabalhos de Arte que incluem crianças e jovens que sofrem, em algum grau, com a deficiência auditiva. E, como acontece com as outras disciplinas, os resultados são sempre muito animadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de pesquisar sobre como está acontecendo à inclusão de crianças com necessidades especiais nas séries iniciais do ensino regular, o trabalho dos professores envolvidos nessa experiência com a tarefa de derrubar barreiras e enfrentar o desafio de trabalhar com a diversidade em sala de aula. Creditamos essa participação ao fato de que elas desenvolveram sua ação pedagógica tomando como referencial a perspectiva de formação de professores pesqui-

sadores. O respeito pela inclusão é um dos fatores primordiais para o sucesso escolar dos alunos com deficiência. Seja na vivência, seja na convivência com estados existenciais a emoção se incorpora de um sentido mesmo de criatividade. Podemos afirmar que através da Arte as pessoas podem fortalecer um verdadeiro relacionamento humano, carregado de sentido ético, capaz de provocar socialmente a passagem para a emoção estética. A amplitude do ensino de artes e o brincar na educação de pessoas com necessidades especiais, no sentido de ver, fazer e contextualizar pode referenciar-se por ser uma linguagem universal, não precisa ser traduzida. Basta sua aplicação no sentido de evoluir o homem que deseja espaço na sociedade para poder contribuir com seu talento e com seu potencial

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Transformações nos saberes sobre arte e seu ensino. Entendendo o ensino de artes. In: Projeto - Revista de Educação: Artes Plásticas / Porto Alegre: v.3, nº 5, 2001.
DALL'ACQUA, Maria Julica Canazza; ZANIOLO, Leandro Osni. Educação Inclusiva em perspectiva. Reflexões para a formação de Professores. CRV:2009.
FAVERO, Eugênia Augusta, 342 págs., Ed. WVA,
FUSARI, Maria F. de R. e FERRAZ, Maria Heloisa de T. Arte na Educação Escolar. São Paulo, Cortez, 1992, p. 74
KLEIN, Melaine, Os progressos da Psicanálise, Editora Guanabara, 1986.
LOUREIRO, João de Jesus Paes. A estética de uma ética sem barreiras. In: Educação, Arte, Inclusão - Cadernos de Textos 3. Rio de Janeiro: FUNARTE: 2003

SOUSA, Alberto. Educação pela arte e arte na educação. Lisboa. Instituto Piaget. 1º volume. 2003.

SOUZA, Solange Jobim. Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim. Campinas, SP: Editora Papirus, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Obras escogidas V: juntamentos de defectologia. Madri: Visor, 1997.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. - 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Org. Cláudio Roberto Baptista, Kátia Regina Moreno Caiado e Denise M. de Jesus. Educação Especial: diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2008. p. 221-266.